

Argentina admite não ter cumprido metas acertadas com o FMI

Luis Cláudio Latgé

Buenos Aires — “É muito fácil terminar com a inflação. Mas isto só seria possível sobre um montão de cadáveres.” Com estas palavras, o Ministro da Economia da Argentina, Jorge Wehbe, reconheceu ontem que o país fracassou no cumprimento de algumas das metas acertadas com o FMI, durante as negociações para obtenção do crédito *stand by* de 2,8 bilhões de dólares em 2 anos. Entre elas, a de manter a inflação em torno de 160% em 83 — o que Wehbe acha impossível, exibindo os dados do Instituto Nacional de Estatísticas e Censo, que indicam um índice acumulado de 340% de aumento nos últimos 12 meses.

A Argentina tem uma dívida externa de 39 bilhões de dólares, superada apenas pelas do Brasil (89 bilhões de dólares) e México (83 bilhões de dólares), e está com pagamentos de juros atrasados. Sem conseguir sequer os créditos acertados durante as negociações da dívida, o presidente do Banco Central, Julio Gonzales del Solar, anunciou, no final da semana, que os pagamentos dos atrasados só serão feitos quando estes créditos forem somados às reservas.

Sem conseguir ajustar os planos e sem novos créditos, a Argentina enfrenta uma situação crítica, em que o Governo perdeu o controle sobre importantes variáveis da economia, como inflação, as taxas de juros e, até mesmo, gastos orçamentários.

O vice-presidente da Sevel, que produz os automóveis Fiat e Peugeot, Ricardo Zinn, chegou a qualificar a condução econômica como “kafkiana”. O Governo militar, que em janeiro de 84 entregará o Poder a um Governo Constitucional, na verdade, não tem uma política econômica: maneja-se com medidas de emergência, quase sempre respondendo às pressões sociais para evitar uma explosão de greves e manifestações que, mesmo assim, se registram diariamente.

A recessão deixou uma massa de 1 milhão 500 mil pessoas desempregadas ou subempregadas e deprime tremendamente setores importantes da indústria, como o automobilístico, que em 80 vendeu cerca de 350 mil unidades e, no ano passado, conseguiu colocar no mercado apenas 106 mil 696 carros. Só poupou mesmo a agropecuária. A balança comercial do primeiro semestre deste ano dá conta disto: as exportações somaram 3 bilhões 218 milhões de dólares (basicamente cereais e carne) enquanto as importações, restritas às necessidades básicas de indústrias têxteis, metalúrgicas e químicas, apenas 1 bilhão 713 milhões.

Este saldo comercial, contudo, não é suficiente para evitar a suspensão (não formalizada) de pagamentos. O presidente do Banco Central chamou a atenção para esta situação, advertindo que os juros atrasados (de montante não revelado oficialmente, mas estimados em cerca de 800 milhões de dólares), não serão pagos até o recebimento de 300 milhões de dólares, correspondente à última parcela de um crédito — ponte de 1 bilhão 100 milhões de dólares, e de 500 milhões de dólares da primeira parcela do crédito bancário de 1 bilhão 500 milhões.